

A RESISTÊNCIA DA ORALIDADE PELA CULTURA: EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DE UMA GRIÔ

Denise Marcos Bussoletti¹
Vagner de Souza Vargas²
Cristiano Guedes Pinheiro³

RESUMO

As narrativas orais ainda não têm recebido o devido reconhecimento nas políticas públicas do Brasil. O Núcleo de Artes, Linguagem e Subjetividade (NALS), da Universidade Federal de Pelotas, desenvolve várias atividades acadêmicas e ações culturais na cidade de Pelotas/RS. Uma parte dessas ações é desenvolvida por uma mestra griô. O objetivo deste trabalho é apresentar algumas das atividades desenvolvidas pela griô junto aos projetos do núcleo, como mecanismo de resistência da oralidade pela cultura. As atividades desenvolvidas pela griô vêm ao encontro das propostas de Pedagogia da Fronteira e Estética da Ginga defendidas pelo NALS. A maneira como a griô mantém a ancestralidade viva promove um outro olhar para o processo educativo, não como uma determinação acadêmica formal institucionalmente fixada, mas como uma maneira sensível, popular e cultural de manter essas tradições inesquecíveis.

Palavras-chave: Educação. Pedagogia da Fronteira. Estética da Ginga. Griô.

ABSTRACT

Oral narratives have not yet received due recognition in public policy in Brazil. The Nucleus of Arts, Languages and Subjectivities (NALS), from Federal University from Pelotas (UFPEL), develops several activities academically or through cultural actions in Pelotas/RS, southern Brazil. The aim of this work is to present some of the activities undertaken by a Griot in the projects of the NALS, as a mechanism of resistance of the orality through culture. The activities developed by the Griot come with the proposals of the Border Pedagogy and Aesthetics of Ginga defended by NALS. The way as the Griot keeps the ancestry alive, promotes another look to the educational process not as a formal academic determination institutionally fixed, but as a sensible, popular and cultural way to keep these traditions unforgettable.

Keywords: Education. Border Pedagogy. Aesthetics of Ginga. Griot.

¹ Doutora em Psicologia, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas. Pró-Reitora de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas. *E-mail:* denisebussoletti@gmail.com. Endereço: Rua Alberto Rosa, 154. Campus das Ciências Sociais – 2º andar. CEP 96.101-770 Várzea do Porto - Pelotas – RS – Brasil. Phone/fax: (53) 3284 55 33 e 3284 55 41.

² Doutorando em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Bolsista CAPES Ator, Licenciado em Teatro. *E-mail:* vagnervarg@yahoo.com.br.

³ Doutorando em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas. Diretor/Presidente da Fundação de Apoio Universitário (FAU/UFPEL). *E-mail:* cgptapes@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A valorização das narrativas orais ainda não possui um respaldo consolidado nas políticas públicas de nosso país. Apesar de o Brasil possuir uma importante riqueza e diversidade étnico-cultural espalhadas entre as vastas regiões geográficas que compõem seu território, imprimindo peculiaridades e singularidades típicas de cada região, a proteção do patrimônio imaterial de onde nascem essas pessoas e suas histórias, considerando-as como expressões de múltiplos conhecimentos e de resistência de uma memória que se alicerça nas narrativas orais, ainda se mostra bastante discreta nas ações políticas efetivamente ativas.

Mesmo com seus quinhentos anos de história, no que tange às políticas públicas, a valorização das narrativas orais como patrimônio imaterial é bastante recente no Brasil. A implementação da convenção da UNESCO (da qual o Brasil é signatário), a previsão constitucional dos direitos culturais (BRASIL, 2011, Art. 215-216) e a implementação de políticas referentes ao reconhecimento e à valorização do patrimônio cultural brasileiro (a instituição do Registro dos Bens Culturais Imateriais Brasileiros e o Plano Nacional de Cultura⁴) que possibilitaram e prometem também promover a salvaguarda do patrimônio imaterial no país foram algumas das atividades que vieram a legitimar as narrativas orais como patrimônio imaterial em nosso país. O Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão vinculado ao Ministério da Cultura (MinC) do Brasil, é a instituição responsável pelo inventário, pelo registro e pela elaboração de planos de garantia e proteção do patrimônio imaterial no País (PINHEIRO, 2013).

A diversidade e a riqueza do patrimônio imaterial brasileiro manifestam-se de diferentes formas, dentre elas, salientamos a necessidade de ressaltarmos as narrativas e os narradores de histórias orais, oriundos tanto das grandes cidades quanto de pequenos povoados em localidades remotas do território brasileiro. Nesse sentido, podemos incluir aí uma infinidade de “conhecedores”,

mestres, contadores de histórias, saberes e expressões populares e tradicionais que não estão sob a proteção dos instrumentos legais, nem amparados por políticas públicas de valorização, reconhecimento e melhoria das condições de vida. Porém, esses sujeitos, suas histórias, suas tradições e seus aspectos culturais existem e persistem, estão nas cidades, nos bairros, nas pequenas e grandes comunidades.

O Núcleo de Artes, Linguagem e Subjetividade (NALS), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) desenvolve várias atividades acadêmicas e ações culturais na cidade de Pelotas/RS. Uma parte dessas ações é desenvolvida pela griô Dona Sirley. O trabalho de Dona Sirley, em associação ao NALS, consiste em contar histórias sobre seus ancestrais africanos e a sua história pessoal, encadeada com lembranças e memórias de lugares e eventos por ela vividos, mantidos e repassados aos ouvintes por meio de uma metodologia própria. Durante o desenvolvimento dessas atividades, a memória acontece como experimentação e celebração, em um contexto em que podemos vivenciar a potencialidade e a força das narrativas populares e, especificamente, da oralidade como fonte de acesso aos registros de importância singular.

O objetivo deste trabalho é apresentar algumas das atividades desenvolvidas pela griô Dona Sirley junto aos projetos do NALS, como mecanismo de resistência da oralidade pela cultura. Além disso, também exporemos, brevemente, alguns dos preceitos teóricos do NALS que encontram pontos de identificação com as abordagens realizadas pela griô.

2 A GRIÔ, SUAS HISTÓRIAS, SEUS SABERES, SUAS MEMÓRIAS E AS NARRATIVAS QUE PASSA ADIANTE

Para podermos descrever as atividades da griô Dona Sirley junto ao NALS, inicialmente, precisamos compreender o significado do termo griô. Essa terminologia tem origem africana e, segundo Ki-Zerbo (1982, p. 27), os *griots* são “velhos de cabelos brancos, voz cansada e memória um pouco obscura, rotulados às vezes de teimosos e meticulosos”, mas que são responsáveis pela manutenção da história oral. Esse autor também refere que, ao concentrarem grande parcela do conhecimento e das tradições africanas, cada vez que falece um desses guardiões

⁴ O Plano Nacional de Cultura, aprovado pela Lei Federal nº 12.343, de dezembro de 2010, teve suas metas definidas em dezembro de 2011. São, ao todo, 53 metas a serem implementadas até 2020 (BRASIL, 2010; MINC, 2011).

dos saberes populares seria como se uma fibra do “fio de Ariadne” se quebrassem.

Os contadores de histórias mantêm em sua memória saberes e fazeres culturais, passados de geração em geração, ensinados de pais para filhos, de avós para netos, de velhos para jovens (PINHEIRO, 2013). Na história africana, segundo Ki-Zerbo (1982), as fontes para o seu conhecimento sustentam-se sobre três pilares: os documentos escritos, a arqueologia e a tradição oral. Esse autor considera ainda que, junto com o testemunho escrito e o arqueológico, a história oral tem se transformado numa importante fonte para a história africana.

Amadou Hampâté Bá (1982) ressalta a importância da oralidade para a manutenção da história da África. Segundo esse autor, seria impossível tratar da cultura, sem fazer referência à importância da tradição oral na África. Nesse sentido, os griôs ou *griots* (segundo a terminologia francesa), atuam como elementos mantenedores de aspectos culturais e históricos importantíssimos de suas localidades e que, nem sempre, aparecem nos livros de histórias oficiais. Esses mestres da cultura popular desenvolveriam suas atividades por meio de diferentes abordagens metodológicas, sejam elas por contações de histórias, atividades artísticas ou festejos populares nas localidades por onde passem (PINHEIRO, 2013). Desse modo, podemos, a partir de agora, considerar as relações desenvolvidas pela griô Dona Sirley em consonância com as origens dos griôs africanos.

Dona Sirley, a mestra griô, faz parte do movimento negro da cidade de Pelotas/RS. Uma contadora de histórias de 77 anos, que desenvolve seus trabalhos contando histórias de sua ancestralidade pelas antigas charqueadas pelotenses e de suas próprias vivências pelo carnaval da cidade, cenário a partir do qual emerge a maior parte de suas memórias. Dona Sirley é uma costureira aposentada que mora na periferia de Pelotas. Além de griô, é uma ativista cultural, atuando ativamente em diversos grupos de promoção e valorização do negro, do idoso e de trabalhos com crianças, além de ser uma reconhecida carnavalesca pelotense.

Juntamente com o NALS, Dona Sirley desenvolve oficinas de *contação de histórias*. A *contação de histórias* é um termo que adotamos a partir das ações formativas de comportamento leitor, especialmente, daquelas que se amparam não

apenas em textos literários. As oficinas de *contação de histórias* decorrem, assim, da compreensão da centralidade do papel das narrativas orais e dos narradores na luta contra o empobrecimento da experiência, tal como Walter Benjamin (1984) sugeriu ao referir a narrativa como experiência, ou como luta contra o empobrecimento desta pelas atividades que foram sendo implementadas no marco industrial capitalista. Em resumo, podemos dizer que essas atividades são estratégias de formação e valorização das identidades sociais no diálogo com a cultura, em sua pluralidade significativa, tendo a memória como fio condutor na compreensão de que os sujeitos possuem ou podem possuir tanto de si quanto do mundo.

Os participantes das oficinas pertencem aos mais diferentes grupos, e o ambiente é escolhido de acordo com os objetivos específicos de cada atividade que será desenvolvida. Desse modo, existem oficinas que acontecem em instituições de assistência social para crianças, jovens e idosos, outras que são realizadas nas escolas, nas praças, no calçadão da cidade, em eventos acadêmicos e culturais, em livrarias, cafés e outros que são escolhidos de acordo com as necessidades das ações pretendidas.

Além dessas atividades locais, Dona Sirley também representa o NALS em eventos fora do município. Como exemplo, podemos citar a “Teia”, encontro nacional dos Pontos de Cultura, e encontros nacionais das entidades que integram o Programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura, através da Secretaria da Diversidade Cultural e que, em 2014, aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, para onde Dona Sirley foi com um estudante da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), membro do NALS, para ser uma das duas representantes do Rio Grande do Sul (RS) nesse evento. Também em 2014, a griô participou do Fórum Latino-americano de Memória e Identidade, que aconteceu em Montevidéu, no Uruguai, ao qual, mais uma vez, foi acompanhada, tendo sido protagonista das apresentações do NALS.

Salientamos que, em suas oficinas e nas demais atividades, Dona Sirley costuma chamar os participantes para fazerem parte de suas *performances*, para, então, começar a tramar os primeiros fios de suas histórias, relatando fatos, mitologias recriadas, traços, lembranças e características culturais de seus ancestrais africanos, histórias dos tempos das charqueadas (parte da

história local) e da própria tradição do carnaval no município de Pelotas. Por meio das suas histórias aparentemente simples, Dona Sirley ressaltava questões das diferenças de etnia, gênero e de formação social da região sul do RS. Além das histórias, Dona Sirley compõe músicas, nas quais imprime essas questões perpassadas por fatos históricos através de sua interpretação e autoria. Essas músicas são utilizadas durante as oficinas como meio e elo de integração com os participantes.

Além de contar e cantar suas histórias, Dona Sirley ressaltava particularmente o valor na lembrança de uma Pelotas negra, geralmente, esquecida de ser valorizada pela “história oficial” através da tradição europeia acentuada nos registros históricos escritos locais. A mestre griô, durante suas atividades, também organiza o que podemos considerar como sendo um ritual em que são confeccionados objetos e executadas atividades com o intuito de ir tecendo as histórias e as músicas em algo material, como uma colcha de retalhos, por exemplo. Entre uma história e/ou uma música e outra, a griô Dona Sirley convida os participantes para dançarem e/ou encenarem o que está sendo contado naquele momento. Facilmente, os participantes entram nesse universo lúdico que a mestra vai criando lentamente ao longo da oficina.

Na oficina de fuxicos⁵, a griô ensina a técnica de confecção de fuxicos e de como construir outros objetos e vestimentas a partir deles. Mas, ela vai além disso, estimulando os participantes a trocarem histórias para cada novo fuxico criado. Essas oficinas, normalmente, são constituídas de três momentos: a apresentação, a troca de histórias e a despedida. Na apresentação, ocorre a entrada da griô utilizando uma canção escolhida, cantada por ela e ensinada no decorrer aos participantes. Tais canções, na maior parte das vezes, são canções populares e, em cada uma, uma lembrança é evocada e partilhada com o grupo. Logo após, as histórias vão sendo

trocadas durante a construção dos fuxicos feitos por todos. Por fim, a saída da griô acontece através de um canto coletivo caracterizando a despedida e a finalização do trabalho.

Outras atividades desenvolvidas por Dona Sirley são as oficinas com as crianças, como parte do projeto da *Confraria do Fuxico*, em que, além de contar as suas histórias e de ler outras histórias, as crianças vão ajudando a griô a costurar uma saia com fuxicos, à qual cada uma adiciona um fuxico e, dentro dele, insere uma palavra relacionada a uma história que conheça. Para cada nova história, uma palavra e um fuxico são adicionados. Nesse trabalho, a relação entre a música e a literatura se fazem fortemente presentes. Entre as leituras preferidas, estão as crônicas do escritor Eduardo Galeano, como, por exemplo, a “A casa das palavras”, do Livro dos Abraços.

Outras atividades se caracterizam por *Oficinas de confecção de bonecas de pano ou abayomi*. As bonecas aqui criadas fogem aos estereótipos das bonecas vendidas pelo comércio em geral, com as tradicionais características caucasianas, e remontam a uma tradição quase perdida e/ou esquecida de confeccionar bonecas com traços de identificação étnico-cultural com os participantes da oficina. Cada boneca confeccionada pelo grupo surge a partir de uma das histórias contadas durante a oficina. Cabe salientar que essas bonecas são criadas com traços e características relacionados à cultura de matriz africana.

Durante a confecção das bonecas *abayomi*, Dona Sirley conta aos participantes as histórias relacionadas às origens dessas bonecas, quando eram criadas a partir de retalhos de tecidos rasgados. Essas bonecas são costuradas sem olhos, nem boca, mantendo a tradição que as mulheres negras realizavam durante o período de escravidão brasileiro. Segundo Dona Sirley, essas bonecas, apesar do aspecto lúdico e alegre do brinquedo criado, também trazem uma mensagem de opressão pela falta dos olhos e da boca.

Já nas oficinas de *Histórias de amor e carnaval*, a griô Dona Sirley insere e revive os elementos do carnaval, com os participantes vestindo indumentárias relacionadas a personagens típicos dos carnavais antigos, como, por exemplo, as baianas, os mascarados, os palhaços, entre outros. Nessas atividades, o foco são as histórias de carnaval relacionadas à formação histórica da

⁵ O fuxico é uma técnica artesanal que aproveita sobras de tecidos para fazer uma pequena trouxinha de pano. Sozinho, o fuxico pode ser utilizado como adorno, costurado um a um, pode cobrir almofadas, bolsas, roupas e uma infinidade de outros objetos. Segundo o conhecimento popular, o fuxico surgiu nas senzalas, quando as escravas, ao costurarem os retalhos desprezados pela casa-grande, ficavam conversando sobre o dia a dia (FAJARDO; MATHIAS; AUTRAN, 2002, p. 74).

cidade de Pelotas, intercaladas por momentos em que são cantadas e dançadas algumas marchinhas dos antigos carnavais.

Em outras atividades, Dona Sirley, juntamente com os integrantes do NALS, realiza o *Cortejo Griô*. Nessas ações, reúnem-se vários agentes sociais e culturais da cidade, em especial, representantes do movimento negro, para desenvolverem atividades itinerantes pelo centro histórico da cidade, divulgando a cultura de matriz africana, como rodas de capoeira, sambas de roda, apresentações de dança, exposição de fotografias que trazem imagens das antigas charqueadas e dos primeiros africanos a chegarem ao RS e também exposição de estandartes e camisetas históricas de várias escolas de samba locais. Todas essas atividades possuem o mesmo fio narrativo e fluem na perspectiva da contação de histórias referida anteriormente.

O caráter informal das atividades desenvolvidas pela griô Dona Sirley manifesta-se nas experimentações e possibilita ao participante transitar entre espaços e conceitos que algumas formalizações mais institucionalizadas poderiam dificultar. Além disso, suas atividades conseguem abordar e tocar os participantes de uma maneira leve, simples, rápida e envolvente, trazendo todos para o universo vibrante de suas histórias. Com o seu carisma, Dona Sirley consegue estimular o público para que todos contribuam, ao trocarem e acrescentarem suas histórias em um jogo prazeroso, ressaltando na forma final o valor da riqueza da diversidade cultural brasileira.

2 ALGUMAS PROPOSTAS DO NALS E AS ATIVIDADES DA GRIÔ: TEORIA ENCONTRANDO A PRÁTICA

O NALS desenvolve todas as suas atividades respaldado em preceitos teóricos que se propõem a buscar novas alternativas de pensamento/ posicionamento ético, estético e pedagógico. Nessas propostas, são considerados e respeitados os diversos agentes formadores de nossa história, suas histórias e vozes, além de haver a compreensão, o valor e o respeito de que muitos grupos sociais desenvolvem pedagogias próprias que não se enquadram nas normatizações políticas oficiais contidas nas abordagens e metodologias caucasianas, europeias e elitizadas.

O NALS busca os sujeitos que, muitas vezes, não têm oportunidade de receber reconhecimento

acadêmico e, muito menos, de ter a sua própria condição existencial considerada pelos órgãos oficiais. Entretanto, para realizar essas atividades, o NALS propõe que outras pedagogias sejam criadas e/ou reconhecidas, com o intuito de mostrar a pluralidade de ações desenvolvidas em nossa sociedade, que nem sempre estão visíveis aos órgãos midiáticos, políticos e governamentais, como detentoras de uma validade em si, desvinculada das normatizações das propostas pedagógicas tidas como oficiais. Sobre esse assunto, destacamos o que Arroyo (2014) refere ao dizer que:

Ao se afirmar presentes como sujeitos políticos, sociais exigem o recontar dessa história pedagógica que os segregou como sujeitos e os relegou a meros objetos, destinatários das pedagogias hegemônicas. Exigem que sua história seja reconhecida, ou melhor, que as narrativas da história oficial das teorias pedagógicas sejam outras (ARROYO, 2014, p. 12).

O NALS busca uma pedagogia que foque seu compromisso para o restabelecimento da formação pedagógica, mantendo o espaço para perguntas, mais do que para respostas conceituais e finalizadas, amparando a experiência radical da diversidade e da diferença, aproximando-se e diluindo as linhas que às vezes separam e criam fronteiras, muitas vezes, pensadas como intransponíveis. Esse posicionamento é assumido pelo NALS como Pedagogia da Fronteira (BUSSOLETTI; VARGAS, 2013). A origem desses conceitos surge a partir de embasamentos nas teorias de Pedagogia de Fronteira proposta por Giroux (1992) e de Identidade de Fronteira referida por McLaren (1999).

Ao compreender esse processo dentro desses referenciais teóricos, acabamos por revelar estéticas emergentes derivadas de uma mestiçagem e os cenários com os quais a interculturalidade lida, configurando o que nós também defendemos como *Estética da Ginga* (BUSSOLETTI; VARGAS, 2013). A *Estética da Ginga* desenvolve-se a partir do trabalho conceitual de Hélio Oiticica (1939-1980). Oiticica buscava o que está além da arte, a qual ele denominou “intervenção”, assumindo que todo participante da obra não seria um mero espectador, passivo, mas que teria a possibilidade de intervir, agir e criar a obra que estava sendo proposta naquele momento (BUSSOLETTI; VARGAS, 2013). Oiticica

transfigura espectador em “participador”, esse sujeito que dança no espaço e atravessa o tempo dando plasticidade à obra, que, dessa forma, pode ser reconhecida também como experiência coletiva. Participador e obra tornam-se, assim, inseparáveis, produtos e produtores de outra premissa estética (BUSSOLETTI; VARGAS, 2013). A partir da experiência artística de Hélio Oiticica, podemos retirar aspectos que nos possibilitam reconhecer as potencialidades de todos os sujeitos intervirem nas ações sociais, propondo outras alternativas ao que havia sido previamente concebido.

Com base nisso, o NALS, defende a possibilidade de experimentação artística pela educação, como uma teia que é realizada por entre as fronteiras. Nesse sentido, o NALS propõe “exercícios para um comportamento”, como referido por Oiticica, operacionalizados através da participação e da transmutação do espectador em narrador, cuja autoria é manifestada pela vivência, como uma manifestação de vida na direção da criatividade ativa. Essa proposta desterritorializa comportamentos e possibilidades suprimidos e/ou escondidos, encaminhando o espaço educativo no sentido de transgressão e resistência de práticas alternativas, não submissas aos conceitos adquiridos a partir da tradição histórica e política mantida pelo culto das regulares estabilidades consumíveis como produtos de uma forma contestável (BUSSOLETTI; VARGAS, 2013). Relacionado a isso, destacamos o que Arroyo (2014) refere ao dizer que:

Reconhecer que esses povos têm Outras Pedagogias produtoras de saberes, de modos de pensar, de se libertar e humanizar, desestabilizaria a própria auto-identidade da pedagogia hegemônica. Essa, tem sido, ao longo da história de resistências às pedagogias colonizadoras, uma das funções dos movimentos sociais: desestabilizar a pedagogia hegemônica nas bases de sua auto-identidade [...] Os movimentos de resistência a toda forma de subalternidade até pedagógica não se limitam a criticar e desestabilizar as bases da pedagogia hegemônica, mas constroem e afirmam Outras Pedagogias (ARROYO, 2014, p. 30).

Para que aconteça uma ruptura com os modelos de produção dos *silenciamentos* impostos, é necessário focar na procura das vozes e dos

conceitos silenciados, mergulhando na identificação de suas diferenças e nas problemáticas de suas adversidades, com o intuito de que as possíveis distâncias não afastem ainda mais as alteridades. Assim, nós estaríamos minimizando as dificuldades em estabelecer propostas pedagógicas eficientes, capazes de gerar identificação e significação nos mais diferentes grupos sociais.

De acordo com o princípio de *Estética da Ginga*, referido por Jacques (2003), tendo como base o trabalho de Hélio Oiticica, a mistura e a interlocução de diferentes aspectos são capazes de gerar uma nova informação que, pelo trânsito e movimento, como na cadência de um samba, permitem que as trocas e os intercâmbios possam acontecer, se manterem ativos e constantes em sociedade (BUSSOLETTI; VARGAS, 2013). Portanto, podemos pegar apenas esse aspecto da *Estética da Ginga* para conceber que ela propiciaria aos indivíduos alcançar um estado em que o prazer, a alegria, o divertimento e a felicidade fossem gerados pela aceitação e percepção de que as diferenças existem, mas que se abrem para possibilidades de movimento e trocas entre elas, gerando um novo colorido, o qual apenas enriquece as características e as relações sociais frente a um estado de respeito e apreciação de todo o espectro de matizes que constituem a identidade dessa população (BUSSOLETTI; VARGAS, 2013). Ao assumir esses preceitos, os integrantes do NALS sabem que estarão propondo outras alternativas socioeducativas, o que vem ao encontro do que Arroyo (2014) refere ao dizer que:

Para repensar-se, as teorias e pedagogias sócio educativas terão que repensar as formas como têm sido pensados os diversos e os diferentes em classe, raça, etnia, gênero, campo, periferia. Mas, também repensar o Nós como a pretensa síntese da humanidade, da cultura, da civilização (ARROYO, 2014, p. 59).

O NALS traz essas premissas como suas propostas, com o objetivo de resgatar, reconhecer, identificar e propor outras alternativas éticas, estéticas e pedagógicas. Para que isso ocorra, as artes funcionam como o local de fala/ação das atividades realizadas pelos diversos integrantes do NALS, dentre eles, a grilê Dona Sirley.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades desenvolvidas pela griô Dona Sirley, junto ao NALS, não apenas revelam uma importante parte da história brasileira que foi silenciada ao longo do processo de colonização europeu no RS. Os trabalhos dessa griô expõem e também servem como denúncia do silenciamento e à castração de costumes, culturas, hábitos, religiosidades, mitologias e tradições que ocorreram ao longo dos séculos no Brasil. As narrativas orais mantidas pelos *griots* funcionaram e continuam exercendo o seu papel através de Dona Sirley como um elemento imprescindível à manutenção dessas histórias de geração em geração, em um lugar onde os livros de história escritos pelos colonizadores caucasianos não as permitiam.

A griô Dona Sirley transgride quaisquer limites, outorgando-se a liberdade poética de sua prática narrativa. Por meio da contação de histórias, ela desenvolve uma pedagogia que transita através das fronteiras e comportamentos impostos pelas normatizações historicamente imputadas. Dona Sirley desenvolve suas atividades com o intuito de manter a memória viva, promovendo outras perspectivas, através da arte de contar histórias, que insiste e persiste na luta contra o esquecimento e contra o aniquilamento da experiência narrativa.

Ao contar suas histórias e realizar as suas oficinas, a *griô* promove percepções e significações sobre conceitos de diferença, diversidade, heranças culturais, como características favoráveis que constituem nossa sociedade e, por meio disso, o reconhecimento de que todos esses matizes criam a identidade da nossa população local. Além disso, Dona Sirley desenvolve uma abordagem educacional que transita por entre/atraves das fronteiras, normas e comportamentos impostos pelas normatizações sociais, lidando com esses aspectos não como uma “divisão ou linha delimitante, mas como características que necessitam ser borradas. A maneira como ela mantém a ancestralidade viva promove um outro olhar para esse processo educativo, não como uma determinação acadêmica formal institucionalmente fixada, mas como uma maneira sensível, popular e cultural de manter essas tradições inesquecíveis.

Portanto, ressaltamos que as atividades desenvolvidas pela griô Dona Sirley vêm ao encontro

de todos os objetivos do NALS, uma vez que esse núcleo almeja outras alternativas para promover a educação em uma outra perspectiva, buscando abordagens diferenciadas das tradições acadêmicas desenvolvidas em diversas localidades brasileiras. Nesse sentido, o campo das artes funciona como terreno para viabilizar a realização de todas essas atividades. Além disso, também se faz necessário “re-enfatizar” que o NALS também trabalha como um centro para a resistência ao fornecer o espaço de que uma *griô* necessita para preservar uma importante parte da história brasileira.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BRASIL. **Lei nº 12.343**, de 2 de dezembro de 2010. Institui o Plano Nacional de Cultura - PNC. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 3 dez. 2010. Seção 1, p. 1-9.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Texto consolidado até a Emenda Constitucional nº 68 de 21 de dezembro de 2011. Brasília, DF: Senado Federal, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Origem do Drama Barroco Alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BUSSOLETTI, Denise Marcos; VARGAS, Vagner de Souza. Art and aesthetics of ginga: Boundary for the future in the in-between places of diversity. **Global Journal of Human Social Science. Arts & Humanities**. v. 13, issue 04, p. 01-09, 2013.

FAJARDO; MATHIAS; AUTRAN. SENAC. DN. **Papéis e Panos**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2002.

GIROUX, Henry. **Border crossing**. Nova York e Londres: Routledge, 1992.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A Tradição viva. In: **História geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. Editado por Joseph Ki-Zerbo. São Paulo: Ática/UNESCO, p. 181-218, 1982.

JACQUES, Paola. **Estética da Ginga**: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

KI-ZERBO, Joseph. Introdução geral. In: **História geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. Editado por Joseph Ki-Zerbo. São Paulo: Ática/UNESCO, p. 21-42, 1982.

McLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 1999.

MINISTÉRIO DA CULTURA (MINC). **Portaria nº 123**, de 13 de dezembro de 2011. Estabelece as metas do Plano Nacional de Cultura - PNC. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 14 dez. 2011b. Seção 1, p.12-20.

PINHEIRO, Cristiano Guedes. **Narrativas de educação e resistência**: a prática popular griô de Dona Sirley. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)., Pelotas/RS, 2013.